

ALEITAMENTO MATERNO: UMA REFLEXÃO TEÓRICA DAS PRÁTICAS DE ENFERMAGEM

BREASTFEEDING: A THEORETICAL PRACTICE OF NURSING

¹NADORNE, E.C.; ²JULIANO, S.S.A.

¹²Departamento de Enfermagem –Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO: A existência dos muitos programas oficiais que incentivam o aleitamento materno e do amplo reconhecimento dos benefícios da prática de amamentar, as taxas de desmame precoce permanecem elevadas. Diante dessa problemática este estudo teve por objetivo verificar, através de um estudo de caráter exploratório-descritivo de natureza qualitativa, as ações de promoção da saúde delineadas na prática de incentivo ao aleitamento materno evidenciadas no trabalho cotidiano da equipe de saúde da família, com enfoque particular no trabalho do enfermeiro. Para tanto, adotou-se como metodologia uma revisão de literatura com a busca de artigos científicos publicados em livros, revistas, periódicos nacionais e dissertações e disponíveis na *internet*. Para o acesso a investigação do material na *internet* utilizou-se como descritores para busca as palavras: aleitamento materno, promoção da saúde e enfermagem. Evidenciou-se nos resultados do estudo que apesar dos programas oficiais de incentivo ao aleitamento materno e dos estudos que comprovam seus benefícios, a taxa de desmame precoce permanecem elevadas, o que se deve uma gama de elementos, tais como as questões culturais, que acabam reproduzindo mitos e tabus. Outro aspecto relevante evidenciado na pesquisa é que as práticas educativas no que se refere ao aleitamento são ainda incipientes e formatadas conforme os manuais do Ministério da Saúde.

Palavras-chave: Aleitamento materno. Promoção da Saúde. Enfermagem.

ABSTRACT: This study aimed to learn from de scientific literature, the actions of health promotion outlined in the practice of encouraging breastfeeding highlighted in the daily work of the team of family health, particulary in nursing work. To this end, we adopted the methodology as a literature review with the search of scientific articles published in books, magazines, journals and dissertatios, and available on the Internet. For access to research material on the internet were used as descriptors to search the words: breastfeeding, health promotion and nursing. Was evidence from the results of the study that despite government programs to encourage breastfeeding and studies showing its benefits, the rate of early weaning remain high, which should be a range of factors including cultural issues, which have just reproducing myths and taboos. Another important aspect highlighted in the research is that educational practices in relation to breastfeeding are still young and formatted according to the manuals of the Ministry of Health.

Key words: Breastfeeding. Health Promotion. Nursing.

INTRODUÇÃO

O leite materno é um alimento nutricionalmente adequado para o recém-nato, adaptado ao seu metabolismo, razão pela qual desempenha papel fundamental ao seu desenvolvimento, além de proporcionar proteção imunológica contra doenças infecciosas e estimular a relação afetiva do bebê com a mãe. (GILZA, *et al.*, 2000).

Consenso na literatura específica e parcela significativa da população que o leite materno é o alimento mais completo para o bebê e que o aleitamento materno é uma prática imprescindível para a saúde e qualidade de vida de mães e crianças.

Além de agir como agente imunizador; acalenta a criança no aspecto psicológico. Tecnicamente tem a vantagem de ser operacionalmente simples, de baixo custo financeiro, de proteger a mulher contra doenças como o câncer mamário e ovariano, auxiliar na involução uterina e retardar a volta da fertilidade (BRASIL, 2002).

Apesar desse amplo conhecimento, sobre as vantagens da amamentação materna, tanto para a criança quanto para mãe, os índices de aleitamento materno exclusivo ainda são inferiores aos preconizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e pelo Ministério da Saúde que afirmam a necessidade de incentivar o aleitamento materno exclusivo até os seis meses (REA, 1998; KUMMER *et al.*, 2000; MONTRONE e ARANTES, 2002).

A condição de acadêmica de enfermagem em processo de estágio permitiu observar que apesar do profissional da área da saúde priorizar, valorizar e incentivar a prática do aleitamento materno, muitas das puérperas assistidas, apresentam dúvidas e dificuldades com relação à amamentação.

Tendo em vista tais considerações, considerando-se a participação significativa dos profissionais de enfermagem, como agente que serve como elo do conceito teórico para o conceito prático no processo de amamentação, desmistificando anseios, concepções e tabus, decidiu-se realizar esta pesquisa, de cunho bibliográfico, com o objetivo de identificar a atuação do enfermeiro na promoção, incentivo e apoio ao aleitamento.

Desde as décadas finais do século XX a temática do aleitamento materno vem sendo estudada de forma mais sistematizada pelo foco da enfermagem mostrando-se como fonte de contribuição na reformulação forma de conduzir e assistir o Aleitamento Materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida.

Trata-se, portanto, de um estudo baseado na revisão da literatura. A pesquisa bibliográfica realizada caracteriza-se num estudo, a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e material disponibilizado na *Internet* (GIL, 2002).

Utilizou-se como fonte, as bases de dados virtuais, tais como: Banco de Teses e Dissertações *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), e outras literaturas eletrônicas e não eletrônicas.

DESENVOLVIMENTO

A preocupação de organizações nacionais e internacionais em estabelecer e difundir estratégias no sentido de ampliar e incentivar a prática do Aleitamento Materno evidencia a dimensão da importância desse procedimento para o desenvolvimento da criança em termos físicos e emocionais (NARCHI, et al. 2009).

Estudos sobre o tema têm demonstrado que amamentar é um dos fatores mais eficientes no sentido de contribuir para a promoção da saúde, tanto para as mães, quanto para as crianças.

Estas constatações têm contribuído para uma série de estratégias e programas de incentivo ao aleitamento materno, prática que, reconhecidamente, é influenciada por fatores culturais, sociais, psíquicos e biológicos, o que contribui para que a prática de amamentar se configure como um comportamento humano complexo (REGO, 2002).

Constata-se, assim, que o aleitamento materno é considerado, pela literatura, sinônimo de sobrevivência para o recém-nascido, portanto um direito inato, além de uma das maneiras mais eficientes de atender os aspectos nutricionais, imunológicos e psicológicos da criança em seu primeiro ano de vida (ICHISATO & SHIMO, 2001).

Apesar da importância da oferta do leite materno de forma exclusiva nos primeiros seis meses de vida da criança, os índices dessa prática ainda são baixos.

Alguns estudos mostram esses índices variando entre 1,8% e 6% no sexto mês de vida, o que retrata uma realidade insatisfatória quanto à adesão das mães à esta prática (CARVALHAES *et al.*, 1998; KUMMER *et al.*, 2000; ICHISATO & SHIMO, 2001).

Constata-se, assim, que apesar do amplo reconhecimento sobre as inúmeras vantagens do aleitamento materno, tanto para a criança quanto para a mãe, os índices de aleitamento materno exclusivo ainda são inferiores aos preconizados pela Organização Mundial da Saúde e pelo Ministério da Saúde (REA, 1998; KUMMER *et al.*, 2000; MONTRONE e ARANTES, 2002).

Dentre as variáveis que contribuem para a interrupção da amamentação destacam-se as situações geradoras de estresse, entre as quais se sobressaem fatores tais como: dificuldade para iniciar a amamentação dentro do próprio hospital, confrontação com problemas na volta à casa (ICHISATO e SHIMO, 2001) e retorno ao trabalho, por volta do quarto mês de vida do bebê (REA *et al.*, 1998).

Outro aspecto salientado nos estudos pesquisados refere-se a práticas culturais que podem influenciar a manutenção da amamentação, destacando-se pela percepção materna do ato de amamentar e suas dificuldades. Estes autores ainda sugerem que o apoio durante o período do pós-parto é fundamental para minimizar o impacto negativo que determinados fatores culturais podem exercer sobre a prática do aleitamento (FRANÇA *et al.*, 2007).

Considerando-se que o homem, ao nascer recebe tanto a herança genética, que determina suas características físicas, como a herança cultural, que molda seus valores, hábitos, e idéias.

O fator cultural constrói o saber do homem. As crenças e os tabus fazem parte desta construção como herança sociocultural, determinando diferentes significados do aleitamento materno para a mulher. A decisão de amamentar ou não o seu bebê, alimentar-se ou não de determinados alimentos no puerpério depende do significado que a mulher atribui a esta prática (ICHISATO e SHIMO, 2001s/p).

Nessa perspectiva complementa Vieira *et al.* (2004), que os fatores culturais que favorecem a introdução de chás, água e outros alimentos na alimentação de crianças em aleitamento materno, provavelmente, têm maior impacto entre as primíparas. Isto porque a amamentação não é um ato totalmente instintivo e sua técnica, em alguns casos, precisa ser aprendida.

Essas constatações dos estudos científicos foram determinantes para a implantação do programa nacional de incentivo ao aleitamento materno, coordenado pelo Ministério da Saúde, que se iniciou no começo dos anos 80, do século XX, enfatizando a importância na informação aos profissionais de saúde e ao público em geral, quanto à adoções de leis para proteção da mulher no trabalho no período de amamentação e o combate à livre propaganda de leites artificiais para bebês.

Neste cenário, a década de 1990 mostrou-se um momento de mudanças significativas nas questões relacionadas à amamentação. Em 1991, a UNICEF e a OMS lançaram a iniciativa Hospital Amigo da Criança. Em 1992, o Relatório da

Situação Mundial da Infância destacou e valorizou as questões de apoio legal, pessoal e emocional à mulher, reforçada, em 1997, no Manual de Promoção ao Aleitamento. Em 1998, foi criado, no Brasil, a Rede Nacional de Bancos de Leite Humano, hoje a maior do mundo.

O programa mostrou-se necessário, pois nas décadas anteriores a prática do aleitamento materno deixou de ser priorizada, como resultado de vários acontecimentos sociais e interesses econômicos. A partir daí, na década seguinte (1990), resgatou-se esta prática, no intuito de promover uma melhoria da qualidade de vida em todo o mundo, principalmente nos países em desenvolvimento.

Com a implantação do programa nacional de incentivo ao aleitamento materno, iniciou-se um processo de conscientização dos profissionais enfatizando a responsabilidade de todos na promoção, incentivo e apoio ao aleitamento materno. A implementação de ações buscando assistir as mães e motivar a amamentação é reconhecido como uma medida capaz de modificar o perfil do aleitamento materno, em uma população que vinha substituindo-o por leite artificial. Hoje a população está tomando consciência da importância de manter o aleitamento materno no mínimo até o sexto mês de vida do recém-nascido (CARVALHO, 2000).

Acredita o autor que isso se deve às ações mais humanizadas no atendimento dispensado às mães, o que implica a necessidade de se criar um vínculo entre o profissional e o binômio mãe-filho, no sentido de perceber suas necessidades, bem como a capacidade da mãe de lidar com seu bebê. Essas possibilidades se ampliam, na medida em que o profissional, em lugar de assumir o comando da situação passa a adotar condutas que trazem bem estar, garantindo segurança à mãe e ao bebê.

Considerando-se que um dos princípios básicos para um desenvolvimento sustentável da vida humana é o aleitamento materno, pois este ato fortalece o vínculo mãe-filho, transmitindo imunidade, segurança e afeto. Um dos deveres da sociedade e dos órgãos governamentais é garantir e apoiar amplamente a manutenção deste direito, através de ações, que dêem amplitude aos projetos relacionados ao aleitamento materno (CAMPESTRINI, 1991).

Conforme se entende do exposto, embora seja um ato natural, a amamentação é também um comportamento aprendido. Conforme demonstrados nas pesquisas tanto as mães quanto profissionais de saúde e assistentes

necessitam de encorajamento e apoio para manter práticas apropriadas de amamentação.

Percebe-se, assim, a importância do apoio para a manutenção do aleitamento materno exclusivo, contexto em que se destaca a atuação do profissional de enfermagem, que deve estar capacitado para entender e transformar a realidade em que atua, no sentido de favorecer o envolvimento dos diferentes atores que atuam nesse processo.

Sendo assim, o enfermeiro é o profissional que, tanto na rede básica, hospitalar ou ambulatorial, deve estar preparado para lidar e direcionar uma população diversificada, o que implica estar capacitado para identificar e oportunizar momentos que facilitem o ato de amamentar. Dessa forma, sua atuação deve orientar-se não apenas pelo seu conhecimento científico ou habilidades técnicas, mas também, e principalmente, pela arte e sensibilidade que pode desenvolver sentimentos e vontades no sentido de induzir ao aleitamento materno.

Nessa perspectiva a atuação do enfermeiro é de crucial importância, no sentido de sensibilizar a população quanto à importância do acompanhamento da gestação, bem como da prática da amamentação (BRANDEN, 2000).

Quando o assunto é aleitamento materno, vários são os desafios a serem enfrentados pelos profissionais de saúde em geral e pelas equipes de enfermagem em especial, principalmente pela questão cultural de ambas as partes, pois, se houver falha nesse ponto, como o profissional intimidar-se pela falta de preparo, e a mãe, por vergonha de expressar suas dúvidas, o resultado será a frustração para si própria e prejuízos ao bebê (CAMPESTRINI, 1991).

Nessa perspectiva considera Branden (2000) que orientar sobre amamentação requer tempo, além dos conhecimentos técnicos e científicos. É preciso disponibilidade para ouvir as mulheres, para entender suas experiências anteriores, suas crenças e mitos que são fatores relevantes para a prática do aleitamento. Isso porque, embora seja uma prática natural e eficaz, seu sucesso depende de fatores históricos, sociais, culturais, e psicológicos da puérpera e do compromisso e conhecimento técnico-científico dos profissionais de saúde envolvidos na promoção, incentivo e apoio ao aleitamento materno.

Assim, para uma operacionalização adequada desse contexto, é de grande importância que esteja inserido neste contexto um profissional enfermeiro, habilitado não só teórico e cientificamente, mas também como um ser humano com todas as

suas dimensões, potencialidades, restrições, alegrias e frustrações, comprometido com a ciência e com o ser humano, que é seu instrumento de trabalho (HORTA, 1979).

Diante disso evidencia-se a importância do profissional de saúde em identificar, já durante o pré-natal os conhecimentos, a experiência prática, as crenças e a vivência social e familiar da gestante a fim de promover educação em saúde para o aleitamento materno, assim como, garantir vigilância e efetividade durante a assistência à nutriz no pós-parto.

Como o enfermeiro é o profissional que mais estreitamente se relaciona com a mulher durante o ciclo gravídico-puerperal e tem importante papel nos programas de educação em saúde, durante o pré-natal, ele deve preparar a gestante para o aleitamento, para que, no pós-parto o processo de adaptação à prática de amamentar ocorra com maior tranquilidade, evitando assim, dúvidas, dificuldades e possíveis complicações (BRASIL, 2002).

Entende-se, assim, que os enfermeiros têm importante papel na ajuda e aconselhamento às mães no processo de amamentação. Desde o pré-natal esse profissional deve ajudar e aconselhar as mães, desfazendo mitos, prevenindo e tratando as possíveis complicações que possam ocorrer, ou seja, estando próximo antes, durante, após o parto e durante os primeiros dias de puerpério, contribuindo, dessa forma, para a auto-confiança da nutriz, essencial para o sucesso na amamentação.

Como as atividades de prevenção e promoção para a saúde fazem parte do papel do profissional de enfermagem, ele deve instrumentalizar-se com conhecimentos técnico-científicos atualizados na assistência à puérpera. Isso porque, atuando nessa prática, devem buscar compreender a realidade e que novas ações podem sempre ser implementadas no sentido de atuar de forma objetiva, efetiva e completa, evitando lacunas na assistência e com isso aumentar a adesão ao aleitamento e contribuir para a melhora dos índices dessa prática (GIUGLIANI, 2000).

Nessa perspectiva é fundamental que toda a equipe esteja devidamente preparada para implementar o processo, no sentido de informar e motivar adequadamente sobre as vantagens e o manejo do aleitamento materno; ajudar as mães a iniciar a amamentação na primeira meia hora após o parto; mostrar como amamentar e como manter a lactação, mesmo se vier a serem separadas de seus

filhos; Não dar aos recém-nascidos nenhum outro alimento ou bebida além do leite materno a não ser que seja indicado pelo médico; encorajar o aleitamento materno sob livre demanda; não dar bicos artificiais ou chupetas a crianças amamentadas no peito; encorajar o estabelecimento de grupos de apoio ao aleitamento, para onde as mães deverão ser encaminhadas, por ocasião da alta (CAMPESTRINI, 2002).

Para contribuir para o sucesso da prática do aleitamento o profissional, segundo Selma Campestrini (Coordenadora do Projeto de Aleitamento Materno - PALMA / PUCPR) deve possuir os seguintes requisitos:

1. Experiência e convicção. Profissionais que já tiveram experiência de amamentação incutem mais confiança em mães e pais inexperientes.

2. Facilidade de relacionamento. Saber relacionar-se é imprescindível para uma integração adequada da enfermagem com os demais profissionais da saúde materno-infantil, de maneira que todos, tenham a mesma linguagem, uma única diretriz.

3. Atitude de apoio. O profissional enfermeiro deve ter disposição e capacidade para minimizar temores e transmitir tranquilidade tanto para a gestante, parturiente, puérpera, lactante como aos familiares.

4. Encorajador. Requisito importante no sentido de incentivar a mãe no aprendizado correto e sentir-se segura no desempenho de suas ações e cuidados com o filho e com a amamentação.

5. Ser comunicativo e gostar de ensinar. As habilidades de comunicação é fundamental a fim de promover autonomia crescente, no sentido de tornar a mãe apta a explorar e identificar o que se passa consigo mesma, buscar seu próprio rumo, com responsabilidade e confiança.

6. Ser prestativo. Atender a mãe e os familiares sempre que solicitados, com segurança.

7. Ser compreensivo. Levar em consideração os sentimentos pessoais em relação à amamentação, sabendo que a individualidade mãe-filho não se repete na mesma mãe nem com outros filhos. Para cada mãe as situações são individuais, assim, deve-se eliminar os fatores que são negativos e promover os facilitadores.

8. Ser perseverante paciente. Deve confiar na capacidade da mãe em amamentar o seu filho, ao mesmo tempo em que ensina e orienta quanto aos procedimentos adequados, quantas vezes forem necessárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados deste estudo demonstraram que a análise da produção do conhecimento sobre aleitamento materno em enfermagem, no Brasil, mais do que descrever a trajetória em termos quantitativos, destaca um compromisso acadêmico na busca de caminhos capazes de reverter os índices, ainda insatisfatórios, com relação ao aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade dos bebês.

Evidenciou-se, da pesquisa, que a temática amamentação é amplamente discutida, em pesquisas quantitativas, qualitativas e históricas, sob os mais diversos enfoques.

Outra evidência da revisão de literatura aqui realizada é que, independente do foco dos estudos, todos apontam que, apesar das políticas de saúde postas em prática, a realidade é que os problemas relacionados à amamentação, não variaram muito ao longo dos tempos.

Diante do exposto pode-se dizer que, embora diversos trabalhos científicos comprovem inúmeros benefícios do leite materno, da amamentação ser uma condição historicamente imposta, ainda persistem muitos obstáculos para a sua prática.

Na transformação desse cenário a equipe de enfermagem é peça fundamental, mas além da Enfermagem é necessário o desempenho de toda equipe de saúde multidisciplinar, dos órgãos governamentais e da sociedade como um todo.

Sendo assim, parece de grande significância integrar a enfermagem com os demais profissionais da saúde materno-infantil, de maneira que todos, utilizando uma linguagem única, que considere o contexto cultural e familiar da mulher, busquem estabelecer uma diretriz no sentido de contribuir para a segurança necessária no atendimento da gestante e da nutriz. Salienta-se, assim, ao final desse estudo, a importância da atuação da equipe de enfermagem nesse contexto.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 196 de 10 de Outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentares da pesquisa envolvendo seres humanos. **Cadernos de Ética em Pesquisa**. N.º 1. Julho. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Como ajudar as mães a amamentar**. Brasília, 2002.

- BRANDEN, P.S. **Enfermagem Materno-infantil**. [trad] 2 ed. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 2000.
- CAMPESTRINI, S. **Palma: Projeto de Aleitamento Materno**. Amamentação Informações e Dicas. Curitiba p. 12-25, 2002.
- CAMPESTRINI, S. **Tecnologia Simplificada na Amamentação**. Curitiba: Ibrasa, 1991.
- CARVALHAES, MABL, PARADA, CMGL, MANOEL, CM, VENÂNCIOSY. **Diagnóstico da situação do aleitamento materno em área urbana do sudeste do Brasil: utilização de metodologia simplificada**. Rev. Saúde Pública. 1998; 32(5): p.430-6.
- CIACCIA, MCC, RAMOS JLD, ISSLER H. **Amamentação e trabalho da mulher: Como conciliar?** Revista Paulista de Pediatria, 2003; 21(2):p. 83-88.
- FRANÇA GVA; BRUNKEN GS; SILVA SM, ESCUDER MM, VENANCIO SI. **Determinantes da amamentação no primeiro ano de vida em Cuiabá, Mato Grosso**. Rev Saude Publica 2007; 41(5): p.711-18.
- GIL, AC **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.
- GIUGLIANI, E.R.J. **O Aleitamento Materno na prática clínica**. Jornal de pediatria. v. 76, Supl. 3, p. 238-252, 2000.
- GILZA, SP; COLARES, LGT; CARMO, GT, SOARES, EA. **Conhecimentos maternos sobre amamentação entre puérperas inscritas em programa de pré-natal**. Cad. Saúde. Pub. [serial on the internet]. 2000. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v16n2/2095.pdf>. Acesso: 29/05/2009).
- HORTA, V. A. **Processo de Enfermagem**. São Paulo: EPU. 1979.
- ICHISATO,SMT;SHIMO, AKK. **Aleitamento materno e as crenças alimentares**. Revista Latino-Americana de Enfermagem. 2001; 9(5): p.70-76.
- KUMMER, SC, GIULIANE, ERJ, SUSIN, LO, FOLLETO JL, LERMEN,NR, WU, VYJ **Evolução do padrão de aleitamento materno**. Rev Saúde Pública. 2000; 34(2): p. 143-8.
- MONTRONE, VC, ARANTES, CIS. **Prevalência do aleitamento materno na cidade de São Carlos, São Paulo**. Jornal de Pediatria. 2002; 76(2): P.138-142
- NARCHI, NZ; FERNANDES, RAQ; DIAS, LA; NOVAIS, DH. **Variáveis que influenciam a manutenção do aleitamento materno exclusivo**. Rev. esc. enferm. USP vol.43 no.1 São Paulo Mar. 2009.
- REA, MF. **A amamentação e o uso do leite humano: o que recomenda a Academia Americana de Pediatria**. Jornal de Pediatria. 1998; 74(3):p. 171-173.
- REGO. J.D. **Aleitamento Materno: Um Guia Para Pais E Familiares**. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.
- UNICEF; IBFAN. **Como o leite materno protege os recém-nascidos**. Documento sobre o mês de amamentação. Disponível em: <http://www.aleitamento.org.br/arquivos/arquivos.htm>. Acesso em 24 Maio/2009.
- VENÂNCIO, S.I. **Dificuldades para o Estabelecimento da Amamentação: O Papel das Práticas Assistenciais das Maternidades**. Jornal de Pediatria, 79 (1):p.1-2, 2003.
- VIEIRA GO, SILVA LR, VIEIRA TO, ALMEIDA JAG, CABRAL VA. **Hábitos alimentares de crianças menores de 1 ano amamentadas e não-amamentadas**. Jornal de Pediatria 2004: p. 80: 411-6.